

SEGUNDO ATO

---

---

de. Tinha vindo pedir que eu conseguisse que a senhora intercedesse por ele.

A CONDESSA – E por que não falou diretamente comigo? Algum dia eu lhe recusei alguma coisa, Susaneta?

SUSANA – Foi isso que eu disse; mas com sua tristeza de ter de ir embora, e acima de tudo de deixar a senhora! “Ah, Susaninha, como ela é nobre e bela! Mas como ela impõe respeito!”

A CONDESSA – Será que eu pareço assim, Susana? Logo eu, que sempre o protegi!

SUSANA – Depois ele viu sua fita de cabelo que eu estava carregando, e se atirou sobre ela...

A CONDESSA [*Sorriundo.*] – A minha fita? Mas que criancice! SUSANA – Eu tentei tirá-la dele; madame, ele parecia um leão, os olhos brilhavam... “Só por cima do meu cadáver!”, esganiçando sua voz doce e fina.

A CONDESSA [*Sonhadora.*] – E depois, Susaneta?

SUSANA – Ora madame, quem é que pode com um diabinho daqueles? Minha madrinha para cá, eu bem que queria para lá, e como não ousaria sequer beijar o vestido de madame, ainda tentou beijar a mim.

A CONDESSA [*Sonhadora.*] – Deixemos... deixemos essas loucuras... enfim, minha pobre Susana, o meu esposo acabou por dizer...

SUSANA – Que se não lhe quisesse dar ouvidos, ele iria proterger Marcelina.

A CONDESSA [*Levanta-se e caminha, abanando o leque.*] – Ele não me ama mais de todo.

SUSANA – Por que razão tantos ciúmes?

A CONDESSA – Pela mesma de todos os maridos, minha cara! Unicamente por orgulho! Ah! Eu o amei demais; o entediei com meus carinhos, e o cansei do meu amor; esse é o único mal que lhe fiz; mas eu não quero que

essa confissão sincera lhe faça ter receios. Você há de se casar com Fígaro. Só ele pode nos ajudar. Ele vem aqui?

SUSANA – Assim que o Conde sair para caçar.

A CONDESSA [*Agitando muito o leque.*] – Abre um pouco a vidraça que dá para o jardim. Está muito quente aqui!...

SUSANA – É que a senhora está se agitando muito. [*Vai abrir a janela ao fundo.*]

A CONDESSA [*Sonhando por um tempo.*] – Se ele não insistisse tanto em fugir de mim... Os homens são muito culpados!

SUSANA [*Grita da janela.*] – Lá vai o patrão cruzando o parque a cavalo, seguido de Pedrito e mais dois, três, quatro coelhos.

A CONDESSA – Temos muito tempo pela frente. [*Senta-se.*] Não estão batendo, Susana?

SUSANA [*Corre para abrir a porta cantando.*] – É o meu Fígaro! É o meu Fígaro!

## CENA II

[*Fígaro, Susana e a Condessa (sentada).*]

SUSANA – Entre logo, meu querido! A patroa está impaciente!

FÍGARO – E você, minha Susaninha? Madame não precisa ficar assim. Afinal, do que se trata? Duma miséria. O senhor Conde acha nossa mulher simpática, e gostaria de fazê-la sua amante; é muito natural.

SUSANA – Natural?

FÍGARO – Além disso, ele me nomeou correio diplomático, e Susaninha conselheira da embaixada. Não vejo nisso nenhuma tontice.

SUSANA – Vai acabar com isso?

*A cena representa um quarto de dormir soberbo, com um grande leito em alcova, sobre um estrado. A porta de entrada abre e fecha no terceiro bastidor à direita; a de um gabinete, no primeiro à esquerda. Uma porta, ao fundo, dá para onde ficam as camareiras. Uma janela abre-se do outro lado.*

## CENA I

*[Susana e a Condessa entram pela porta da direita.]*

A CONDESSA *[Atirando-se sobre uma bergère.]* – Feche a porta, Susana, e conte-me tudo nos mínimos detalhes.

SUSANA – Mas eu não escondi nada da senhora.

A CONDESSA – Quer dizer então que ele queria seduzi-la?

SUSANA – Nunca! O senhor não ia gastar tanto esforço com uma criada; ele queria me comprar.

A CONDESSA – E o pajenzinho estava presente?

SUSANA – Bom, ele estava escondido atrás da poltrona gran-

de. Tinha vindo pedir que eu conseguisse que a senhora intercedesse por ele.

A CONDESSA – E por que não falou diretamente comigo? Algum dia eu lhe recusei alguma coisa, Susaneta?

SUSANA – Foi isso que eu disse; mas com sua tristeza de ter de ir embora, e acima de tudo de deixar a senhora! “Ah, Susaninha, como ela é nobre e bela! Mas como ela impõe respeito!”

A CONDESSA – Será que eu pareço assim, Susana? Logo eu, que sempre o protegi!

SUSANA – Depois ele viu sua fita de cabelo que eu estava carregando, e se atirou sobre ela...

A CONDESSA [*Sorrindo.*] – A minha fita? Mas que criançaice!

SUSANA – Eu tentei tirá-la dele; madame, ele parecia um leão, os olhos brilhavam... “Só por cima do meu cadáver!”, esganiçando sua voz doce e fina.

A CONDESSA [*Sonhadora.*] – E depois, Susaneta?

SUSANA – Ora madame, quem é que pode com um diabinho daqueles? Minha madrinha para cá, eu bem que queria para lá, e como não ousaria sequer beijar o vestido de madame, ainda tentou beijar a mim.

A CONDESSA [*Sonhadora.*] – Deixemos... deixemos essas loucuras... enfim, minha pobre Susana, o meu esposo acabou por dizer...

SUSANA – Que se não lhe quisesse dar ouvidos, ele iria proteger Marcelina.

A CONDESSA [*Levanta-se e caminha, abanando o leque.*] – Ele não me ama mais de todo.

SUSANA – Por que razão tantos ciúmes?

A CONDESSA – Pela mesma de todos os maridos, minha cara! Unicamente por orgulho! Ah! Eu o amei demais, o entediei com meus carinhos, e o cansei do meu amor; esse é o único mal que lhe fiz; mas eu não quero que

essa confissão sincera lhe faça ter receios. Você há de se casar com Figaro. Só ele pode nos ajudar. Ele vem aqui?

SUSANA – Assim que o Conde sair para caçar.

A CONDESSA [*Agitando muito o leque.*] – Abre um pouco a vidraça que dá para o jardim. Está muito quente aqui!... SUSANA – É que a senhora está se agitando muito. [*Vai abrir a janela ao fundo.*]

A CONDESSA [*Sonhando por um tempo.*] – Se ele não insistisse tanto em fugir de mim... Os homens são muito culpados!

SUSANA [*Grita da janela.*] – Lá vai o patrão cruzando o parque a cavalo, seguido de Pedrito e mais dois, três, quatro coelheiros.

A CONDESSA – Temos muito tempo pela frente. [*Senta-se.*] Não estão batendo, Susana?

SUSANA [*Corre para abrir a porta cantando.*] – É o meu Figaro! É o meu Figaro!

## CENA II

[*Figaro, Susana e a Condessa (sentada).*]

SUSANA – Entre logo, meu querido! A patroa está impaciente!

FIGARO – E você, minha Susaninha? Madame não precisa ficar assim. Afinal, do que se trata? Duma miséria. O senhor Conde acha nossa mulher simpática, e gostaria de fazê-la sua amante; é muito natural.

SUSANA – Natural?

FIGARO – Além disso, ele me nomeou correio diplomático, e Susaninha conselheira da embaixada. Não vejo nisso nenhuma tontice.

SUSANA – Vai acabar com isso?

FIGARO — E porque Susana, minha noiva, não quer aceitar a nomeação, ele resolve favorecer a posição de Marcelina; o que há de mais simples? Vingar-nos daqueles que se opõem aos nossos projetos atrapalhando os deles, é o que todo mundo faz; é o que nós mesmos vamos fazer. Portanto, é só isso.

A CONDESSA — Fígaro, como pode tratar tão levemente um plano que custará a felicidade a nós todos?

FIGARO — E quem o disse, madame?

SUSANA — Em lugar de se afligir com os nossos sofrimentos...  
FIGARO — Não basta que eu me ocupe deles? Pois muito bem; para agir tão metodicamente quanto ele, temperemos seu ardor em relação ao que é nosso intranquilizando-o a respeito do que é dele.

A CONDESSA — Boa idéia, mas como?

FIGARO — Já está feito, madame; uma falsa denúncia a seu respeito...

A CONDESSA — A meu respeito? Mas será que perdeu a cabeça?

FIGARO — Ora! Ele é que precisa perdê-la!

A CONDESSA — Um homem tão ciumento...

FIGARO — Tanto melhor; para tirar partido de gente assim, basta dar-lhes uma pequena esquentadinha no sangue; e as mulheres sabem disso muito bem! E depois que já estão vindo tudo vermelho, com um mínimo de intriga pode-se levá-los, pelo nariz, para onde se quiser, até para dentro de Guadalquivir. Eu fiz chegar a Basílio um bilhete anônimo que avisa ao patrão que um admirador vai tentar vê-la hoje durante o baile.

A CONDESSA — E você brinca assim, a sério, com a reputação de uma mulher honrada!

FIGARO — Há muito poucas, madame, com as quais eu ou saria fazê-lo, sem ter medo de que fosse verdade.

A CONDESSA — Vai ver que ainda espera que eu agradeça!  
FIGARO — Mas diga se não é ótimo planejar assim todos os momentos do dia de seu marido, de modo que ele passe a rondar e a protestar em torno de sua própria dama todo o tempo que ele destinava a se comprazer com a nossa? Ele já está derrotado! Será que deve correr para esta ou tomar conta daquela? Em sua perturbação de espírito, ei-lo, ei-lo que corre na planície e força uma lebre que não pode mais. A hora do casamento chega rápido; ele não terá tomado posição contra e jamais ousará opor-se a ele diante de madame.

SUSANA — Não, mas pode ficar certo de que a encantadora Marcelina ousa!

FIGARO — Brr! Eu juro que é isso que me preocupa! Mas você mandará dizer ao senhor Conde que se encontrará com ele no jardim, ao crepúsculo.

SUSANA — E você acha que pode contar com isso?

FIGARO — Ora essa, escutem só: as pessoas que não querem fazer nada de nada, não ganham nada e não valem nada. E tenho dito!

SUSANA — Que bonito!

A CONDESSA — Como sua idéia, você consentiria que ela fosse?

FIGARO — De modo algum, mas farei com que alguém tenha um vestido de Susana. Apanhado em flagrante, acham que o Conde estará em condições de negar a palavra dada?

SUSANA — Meu vestido em quem?

FIGARO — Em Querubino.

A CONDESSA — Ele partiu.

FIGARO — Para mim não. Vão deixar eu fazer como eu quero?

SUSANA — Sempre se pode contar com ele para se armar uma confusão.

## CENA IV

[*Querubino, com ar de medo; Susana e a Condessa, sentada.*]

SUSANA – Entre, senhor oficial: estamos visíveis.

QUERUBINO [*Avança trêmulo.*] – Como esse título me afli-ge, madame! Ele me lembra que devo deixar este lugar... uma madrinha tão... boai...

SUSANA – E tão bela!

QUERUBINO [*Suspirando.*] – Oh, sim!

SUSANA [*Imitando.*] – Oh, sim! Tão bonzinho que ele é!

Com seus olhos grandes e hipócritas! Vamos, belo pá-saro azul, cante sua romança para madame.

A CONDESSA [*Desdobrando-a.*] – De quem dizem que ela é?

SUSANA – Veja como o culpado cora! Parece que levou um bom par de tabefes!

QUERUBINO – Será que é proibido... querer-se bem?

SUSANA [*Encostando-lhe o punho no nariz.*] – Eu conto tudo, seu malandro!

A CONDESSA – Ele... canta?

QUERUBINO – Oh, madame, estou tremendo, tanto!

SUSANA [*Rindo.*] – Nada disso, nada disso; já que madame o deseja, autor modesto!, eu o acompanharei.

A CONDESSA – Toma a minha guitarra.

[*A Condessa, sentada, toma o papel para seguir. Susana está por trás de sua poltrona e preludia olhando a música por cima da patroa: o pequeno pajem está diante dela, de olhos baixos. Esse quadro é exatamente a bela estampa, segundo Vanloo, chamada "a conversação espanhola".*]

FIGARO – Ou duas, três ou quatro ao mesmo tempo. Bem complicadas e todas se entrelaçando umas com as outras. Eu nasci para cortêsão.

SUSANA – Dizem que é um ofício muito difícil!

FIGARO – Receber, tomar e pedir; eis seu segredo em três palavras.

A CONDESSA – Ele tem tanta confiança que acaba por me convencer.

FIGARO – É o que eu queria.

SUSANA – Então como é que você estava dizendo?

FIGARO – Que durante a ausência do patrão, eu mandarei Querubino para cá; penteiem-no e vistam-no; eu o es-condo e instruo; e aí nós tocamos e o patrão dança!

## CENA III

[*Susana e a Condessa sentada.*]

A CONDESSA [*Segurando sua caixa de pintas.*] – Meu Deus, Susana, veja só como eu estou!... Esse jovem que vem aí...

SUSANA – Mas a senhora não vai querer que ele se safe assim!

A CONDESSA [*Sonhando em frente ao seu espelhinho.*] – Eu?... você vai ver como vou repreendê-lo.

SUSANA – Vamos fazê-lo cantar sua romança. [*Ela a deposita no colo da Condessa.*]

A CONDESSA – Mas é que, pensando bem, meus cabelos estão tão em desordem...

SUSANA [*Rindo.*] – Se eu der um jeitinho aqui em dois cachos, madame o repreenderá muito melhor.

A CONDESSA [*Volando a si.*] – O que é que a senhorita está dizendo?

## Romança

Música: Malbrough se vai à Guerra

Nem ar meu corcel tinha  
[que grande pena é a minha!]  
Errando nele eu vinha  
Largado ao seu andar.

Largado ao seu andar  
Sem nada para ajudar  
Perto da fontezinha  
[que grande pena é a minha!]  
Sonhando com a madrinha  
Sentei para chorar

Sentei para chorar  
Quase a desesperar  
Gravei no pé de pinha  
[que grande pena é a minha!]  
Sua letra com a minha

O rei veio passear  
Com a corte a desfilar  
A mim disse a rainha  
[que grande pena é a minha!]  
É o amor que te definha?  
O que te faz chorar?

O que te faz chorar?  
É preciso contar.  
Muito senhora minha  
[que grande pena é a minha!]  
Eu tive uma madrinha  
Que vivi a adorar

Que vivi a adorar.  
Sei que me vou finar.  
Disse então a rainha  
[que grande pena é a minha!]  
Se ela é só madrinha  
Eu tomo o seu lugar.

Eu tomo o seu lugar.  
A mim vais pajear...  
E um dia com Heleninha  
[que grande pena é a minha!]  
Que é bela mocinha  
Tu hás de te casar.

Tu hás de te casar.  
Não quero nem falar  
Minha sina mesquinha  
[que grande pena é a minha!]  
Se findará sozinha  
Sem eu me consolar.

A CONDESSA – É muito ingênuo... e não deixa de ter sentimento.

SUSANA [*Colocando a guitarra numa poltrona.*] – Ah, mas em matéria de sentimento, este jovem é... mas como é, senhor oficial, já lhe foi dito que, para alegrar a noite, nós queremos saber se um de meus vestidos lhe ficará razoavelmente bem?

A CONDESSA – Temo que não fique...

SUSANA [*Medindo-se em relação a ele.*] – É da minha altura. Primeiro tiremos esse casaco. [*Ela o retira.*]

A CONDESSA – E se alguém entrar?

SUSANA – Será que estamos fazendo alguma coisa de mal?

Vou fechar a porta. [*Ela corre.*] Mas é o penteado que eu quero ver.

A CONDESSA – No meu toalete, há um toucado meu. [*Susana entra no gabinete cuja porta fica junto à cena.*]

## CENA V

[*Querubino; a Condessa sentada.*]

A CONDESSA – Até o momento do baile, o Conde não saberá que o senhor está no castelo. Nós lhe diremos depois que o tempo necessário para que fosse expedida a sua patente é que nos deu a idéia...

QUERUBINO [*Mostrando.*] – Infelizmente, madame, ei-la aqui! Basílio ma entregou, de sua parte.

A CONDESSA – Já? Mas não perderam um minuto sequer! [*Ela lê.*] A pressa foi tamanha que se esqueceram de timbrá-la com seu sinete. [*Devolve-lhe o papel.*]

## CENA VI

[*Querubino, a Condessa e Susana.*]

SUSANA [*Entrando com um grande chapéu.*] – Sinete onde?

A CONDESSA – Na patente.

SUSANA – Já?

A CONDESSA – É o que eu dizia. É o meu toucado?

SUSANA [*Sentando-se aos pés da Condessa.*] – O mais belo de todos! [*Ela canta com os alfinetes na boca.*]

*Para mim ora se vira.*

*Meu amigo João da Lira*

[*Querubino de joelhos e ela arruma-lhe a cabeça.*] Madame, ele fica uma gracinha.

A CONDESSA – Arrume-lhe a gola de modo um pouco mais feminino.

SUSANA [*Arruma-o.*] – Pronto!... mas veja como o pirralho fica bem de menina! Estou ficando com ciúmes! [*Tona-o pelo queixo.*] Quer fazer o favor de não ficar tão bonito assim?

A CONDESSA – Ela está doida! É preciso estufar mais a manga, para o punho ficar mais firme... [*Ela a arregança.*] Mas o que é isso que ele tem no braço? Uma fita?

SUSANA – Uma fita da senhora. Ainda bem que a senhora viu. Eu já tinha dito a ele que eu ia contar. E, aléin diso, se não fosse o senhor Conde entrar eu teria conseguido retomar a fita; eu sou quase tão forte quanto ele...

A CONDESSA – Está manchada de sangue. [*Desamarra a fita.*]

QUERUBINO – Hoje de manhã pensando partir, eu estava ajeitando o bridão do meu cavalo: ele deu uma cabeçada, e uma das pontas arranhou-me o braço.

A CONDESSA – Mas nunca vi se usar uma fita...

SUSANA – É muito menos uma fita roubada. Vamos ver então o que o bridão... o bordão... o cordão... eu nunca entendo todos esses termos... mas que braço branco!! Parece de uma moça! É mais branco que o meu! Olhe só, madame. [*Ela compara os dois.*]

A CONDESSA [*Em tom gelado.*] – Eu preferia que você me fosse buscar uma gaze na minha penteadeira. [*Susana empurra a cabeça de Querubino, rindo. Ele cai sobre as duas mãos. Ela entra no gabinete.*]



## CENA VII

[*Querubino de joelhos; a Condessa sentada.*]

A Condessa *fica um momento sem falar; com os olhos em sua fita. Querubino a devora com os olhos.*]

A CONDESSA – Quanto à minha fita, meu senhor... como era a da cor que me vai melhor... eu estava absolutamente furiosa de tê-la perdido.

## CENA VIII

[*Querubino de joelhos; a Condessa sentada; Susana.*]

SUSANA [Entrando.] – E a atadura para o braço? [Entrega à Condessa a gaze e uma tesoura.]

A CONDESSA – Quando você for buscar suas roupas, traz a fita de um outro toucado. [*Susana vai pela porta do fundo, levando o casaco do pajem.*]

## CENA IX

[*Querubino de joelhos; a Condessa sentada.*]

QUERUBINO [De olhos baixos.] – A que me foi tirada me teria curado num abrir e fechar de olhos.

A CONDESSA – Por que dons? [*Mostra-lhe a gaze esterilizada.*] Isto aqui é muito melhor.

QUERUBINO [Hesitando.] – Quando uma fita... envolveu a cabeça... ou tocou a pele de uma pessoa...

A CONDESSA [Cortando a frase.] – ... estranha, ela adquire poderes curativos miraculosos? E eu que não sabia disso! Para comprová-lo, guardarei esta, que lhe amarrou o braço. E no primeiro arranhão... de uma de minhas aias, farei a experiência.

QUERUBINO [Compenetrado.] – A senhora a guarda e eu parto!

A CONDESSA – Mas não para sempre.

QUERUBINO – Eu sou tão infeliz!

A CONDESSA [Comovida.] – E agora ele está chorando! E aquele Figaro malvado, com seus prognósticos!

QUERUBINO [Exaltado.] – Quem me dera alcançar o fim que ele predisse para mim! Seguro de ter morte instantânea, é possível que meu lábio ousasse...

A CONDESSA [Interrompendo-o e enxugando-lhe os olhos com seu lenço.] – Cale-se, cale-se, meu filho! Você não pensa nada disso que está dizendo. [*Batem à porta, ela alteia a voz.*] Quem bate assim à minha porta?

## CENA X

[*Querubino, a Condessa, o Conde.*]

O CONDE [De fora.] – Por que está trancada?

A CONDESSA [Perturbada, levanta-se.] – Meu Deus! É o meu marido! [*A Querubino, que também se levanta.*] O senhor sem casaco, de pescoço e braços nus! Sozinho comigo! Esse ar de desordem, o bilhete recebido, o seu ciúme!...

O CONDE [De fora.] – Não vai abrir?

A CONDESSA – É que... eu estou sozinha.

O CONDE [De fora.] – Sozinha? Então com quem está falando?

A CONDESSA [Procurando.] – Com o senhor, sem dúvida. QUERUBINO [À parte.] – Depois das cenas de ontem e de hoje de manhã, ele me mata aqui mesmo! [*Corre para o gabinete de toilette, entra, e bate a porta atrás de si.*]

## CENA XI

[A Condessa, só.]

A CONDESSA [Tira a chave da porta do gabinete e corre para abrir ao Conde.] – Ah! O que é que eu fiz! O que é que eu fiz!

## CENA XII

[O Conde e a Condessa.]

O CONDE [Um pouco severo.] – Não é do seu hábito fechar-se à chave.

A CONDESSA [Perturbada.] – Eu estava remexendo aqui um pouco... remexendo com Susana; e ela agora foi um instante até o quarto dela.

O CONDE [Examinando-a.] – A senhora tem o ar e o tom muito alterados!

A CONDESSA – Não é de espantar... não é nada de espantar... eu lhe garanto... nós falávamos de si... e como eu lhe disse, ela foi até...

O CONDE – Falavam de mim!... foi a inquietação que me trouxe de volta; quando eu montava foi-me entregue um bilhete, ao qual não dou o menor crédito, mas que... mesmo assim agitou-me um pouco.

A CONDESSA – Como, meu senhor? Que bilhete?

O CONDE – É preciso convir, madame, que a senhora e eu estamos cercados por pessoas... muito maldosas! Eu fui avisado de que, durante o dia de hoje, alguém que eu creio ausente procuraria ter um encontro consigo.

A CONDESSA – Seja quem for esse audacioso, será necessário que entre aqui, pois faço planos de não deixar o quarto durante todo o dia.

O CONDE – Nem à noite para o casamento de Susana?

A CONDESSA – Por nada no mundo. Estou muito indisposta.

O CONDE – Por sorte o doutor está aqui. [O pajem derruba uma cadeira no gabinete.] Que ruído foi esse?

A CONDESSA [Ainda mais perturbada.] – Que ruído?

O CONDE – Alguém derrubou um móvel.

A CONDESSA – Eu não ouvi nada.

O CONDE – É preciso então que a senhora esteja assombrosamente preocupada!

A CONDESSA – Preocupada, eu? Com quê?

O CONDE – Há alguém dentro daquele gabinete, madame.

A CONDESSA – Ah!... e quem é que o senhor quer que esteja já ali, meu senhor?

O CONDE – Eu é que lhe faço essa pergunta. Eu é que acabo de chegar.

A CONDESSA – Bom, não é... Deve ser Susana arrumando um pouco.

O CONDE – A senhora me havia dito que ela fora para o quarto dela.

A CONDESSA – Para o quarto dela ou para ali, não sei bem qual dos dois.

O CONDE – Se é Susana, qual a origem da perturbação na qual a vejo?

A CONDESSA – Eu, perturbada, por causa da minha camareira? O CONDE – Se é pela camareira, não sei. Mas, perturbada, sem a menor dúvida.

A CONDESSA – Sem dúvida, meu senhor, essa moça o perturba, e o interessa muito mais do que a mim.

O CONDE [Razivoso.] – Ela me interessa a tal ponto, madame, que eu desejo vê-la imediatamente.

A CONDESSA – Eu creio, na verdade, que o senhor a deseja constantemente. Mas essas são, sem dúvida, suspeitas sem o menor fundamento...

## CENA XIII

[O Conde, a Condessa. *Susana entra carregando umas roupas, empurrando a porta do fundo.*]

O CONDE – E portanto muito fáceis de se destruir. [Grita, olhando para o lado do gabinete.] Susana, eu lhe ordeno que saia! [*Susana pára junto à alcova ao fundo.*]

A CONDESSA – Ela está quase nua, senhor; é correto perturbar as mulheres em seus domínios? Ela estava experimentando umas roupas que eu lhe dei de casamento; e fugiu assim que ouviu a sua voz.

O CONDE – Se ela teme tanto se mostrar, pode ao menos falar. [*Vira-se para a porta do gabinete.*] Responde, Susana, você está aí dentro? [*Susana que ficou ao fundo se atira para a alcova e se esconde.*]

A CONDESSA [*Voltando-se vivamente para o gabinete.*] – Susana, eu a proíbo de responder. [*Ao Conde.*] Nunca pensei que a tirania chegasse tão longe!

O CONDE [*Avançando para o gabinete.*] – Pois muito bem.

Já que ela não fala, vestida ou não, vai ser vista.

A CONDESSA [*Metendo-se à sua frente.*] – Em qualquer outro lugar eu não poderia impedi-lo; mas pensava que ao menos nos meus aposentos...

O CONDE – E eu espero saber muito breve quem é essa Susana misteriosa. Estou vendo que pedir-lhe a chave seria inútil! Porém, há um meio certo de botar abaixo essa porta leve. Olá! Quem está por aí?

A CONDESSA – Chamar seus criados, e fazer um escândalo público de uma suspeita que faria de nós o assunto de todo o castelo?

O CONDE – Muito bem, madame; na verdade eu mesmo bastarei; irei imediatamente aos meus aposentos buscar o necessário... [*Caminha para sair, volta.*] Mas, para

que tudo fique como está, quer fazer o favor de me acompanhar, sem escândalo e sem barulho, já que eles a desagradam tanto?... Uma coisa tão simples assim, ao que parece, não me será negada.

A CONDESSA [*Perturbada.*] – Ora, meu senhor; quem sonharia em contrariá-lo?

O CONDE – Ah! Ia esquecendo da porta que vai dar nos apartamentos das aias; é preciso que eu a feche também, para que a sua inocência fique inteiramente protegida. [*Vai fechar a porta do fundo e tira a chave.*]

A CONDESSA [*À parte.*] – Oh céus! que tolice funesta!

O CONDE [*Voltando até ela.*] – Agora que o quarto está inteiramente fechado, eu lhe rogo que aceite meu braço. [*Elevando a voz.*] E quanto à Susana do gabinete, será necessário que ela tenha a bondade de me aguardar; e qualquer mal que possa lhe advir quando eu voltar...

A CONDESSA – Em verdade, senhor, esta realmente é a aventura mais odiosa...

[*O Conde a conduz para fora e fecha a porta à chave.*]

## CENA XIV

[*Susana e Querubino.*]

SUSANA [*Saindo da alcova, corre para o gabinete e fala através da fechadura.*] – Abra Querubino, abra depressa. É Susana; abra e saia.

QUERUBINO [*Saindo.*] – Ah, Susaninha, que cena horrível!

SUSANA – Saia, que o senhor não tem um minuto a perder.

QUERUBINO [*Assustado.*] – Sair por onde?

SUSANA – Isso eu não sei. Mas saia.

QUERUBINO – Mas não há saída!

SUSANA – Depois do encontro de há pouco, ele o despedaça, e nós ficamos perdidas. Corre e conte tudo a Figaro.

QUERUBINO – Talvez a janela do jardim não seja muito alta.  
[*Corre para olhar.*]

SUSANA [*Assustada.*] – Todo um andar! É impossível! Ai, minha pobre patroa! E o meu casamento, meu Deus!

QUERUBINO [*Entrando.*] – Dá sobre um canteiro de melões, muito fofo: estraga-se a terra um pouco...

SUSANA [*Segura-o e grita.*] – Ele vai se matar!

QUERUBINO [*Exaltado.*] – Num abismo iluminado! Susaninha! Prefiro atirar-me nele do que criar dificuldades para ela... E este beijo me trará sorte. [*Ele a beija e corre saltando pela janela.*]

## CENA XV

[*Susana sozinha.*]

SUSANA [*Dá um grito de terror.*] – Ah!!!!!!! [*Cai sentada um momento. Vai dolorosamente olhar pela janela e volta.*] Já vai longe! Mas que moleque! É tão ágil quanto bonito! Se faltarem mulheres a esse... mas é melhor ir logo para o seu lugar. [*Entrando no gabinete.*] E agora, senhor Conde, pode arrebentar a fechadura, se isso o diverte; e ao diabo quem disser uma palavra! [*Tranca-se.*]

## CENA XVI

[*O Conde, a Condessa, voltando ao quarto.*]

O CONDE [*Com um alicate na mão, atira-se na poltrona.*]  
– Está tudo como eu deixei. Madame, ao expor-me à si-

tuação de forçar aquela fechadura, pense nas consequências: pela última vez, não quer abri-la?

A CONDESSA – Mas, meu senhor, que terrível perturbação de humor pode abalar até esse ponto o respeito entre dois esposos? Se o amor o dominasse ao ponto de inspirar-lhe tais furores, apesar de sua desmedida, eu os perdoaria; seria possível, talvez, esquecer, em favor do motivo, o que eles teriam de ofensivo para mim. Mas será possível que a vaidade, e unicamente ela, possa levar um nobre a tais excessos?

O CONDE – Amor ou vaidade, quero que abra a porta; ou senão, eu irei imediatamente...

A CONDESSA [*À sua frente.*] – Pare, senhor, eu lhe imploro!

O senhor me acredita capaz de faltar aos meus deveres?

O CONDE – Pense o que quiser, madame; mas eu hei de ver o que está dentro daquele gabinete.

A CONDESSA [*Assustada.*] – Muito bem, o senhor o verá. Escute-me... com calma.

O CONDE – Quer dizer que não é Susana?

A CONDESSA [*Timidamente.*] – Pelo menos também não é nenhuma pessoa... da qual o senhor possa suspeitar... Nós estávamos preparando uma brincadeira... muito inocente, é verdade, para hoje à noite... eu lhe juro...

O CONDE – E a senhora me jura...

A CONDESSA – Que não tínhamos a menor intenção de ofendê-los, nem a um nem a outro.

O CONDE [*Rápido.*] – A um nem a outro? É um homem?

A CONDESSA – Um menino, senhor.

O CONDE – Então, quem é?

A CONDESSA – Mal ousou dizê-lo.

O CONDE [*Furioso.*] – Eu o mato!

A CONDESSA – Deuses!

O CONDE – Diga logo!

- A CONDESSA – O jovem... Querubino...  
 O CONDE – Querubino! O insolente!! Quer dizer que as minhas suspeitas e o bilhete ficam esclarecidos.  
 A CONDESSA [*Juntando as mãos.*] – Meu senhor; não se permitia pensar...  
 O CONDE [*Batendo com o pé.*] – Vamos, senhora, queira abrir. Agora já sei de tudo. A senhora não teria ficado tão emocionada ao despedir-se dele hoje de manhã, ele teria partido quando eu lhe ordenei, a senhora não teria posto tanta falsidade em seu relato sobre Susana, e ele não se teria escondido tão cuidadosamente, se não houvesse nada de criminoso.  
 A CONDESSA – Ele tem medo de irritá-lo, ao se mostrar.  
 O CONDE [*Fora de si, grita em direção ao gabinete.*] – Pois então saia, seu desgraçado!  
 A CONDESSA [*Prende-o com seus braços, afastando-o.*] – Senhor, senhor, a sua cólera me faz temer por ele. Não creia numa suspeita injusta, por favor! É que o desalinhado em que o irá encontrar...  
 O CONDE – Desalinhado!  
 A CONDESSA – Infelizmente, sim. A ponto de se vestir de mulher, com um chapéu meu, sem casaco, de colete, colarinho aberto, braços nus; ele ia provar...  
 O CONDE – E a senhora queria ficar em seu quarto!... Esposa indigna! Pois bem, ele ficará nele... por muito tempo; mas é preciso, primeiro, que eu expulse esse insolente, de modo que eu jamais o possa encontrar, em parte alguma.  
 A CONDESSA [*Se põe de joelhos, os braços levantados.*] – Senhor Conde, poupe uma criança! Eu não me consolaria de ter sido a causa...  
 O CONDE – Os seus temores só agravam o crime dele...  
 A CONDESSA – Ele não tem culpa; estava de partida, fui eu quem o mandou chamar.

- O CONDE [*Furioso.*] – Levante-se... retire-se! Mas é muita audácia rogar a mim por outro!  
 A CONDESSA – Pois bem! Eu me retirarei, senhor, e me levantarei; eu lhe entregarei mesmo a chave do gabinete; mas, em nome do seu amor...  
 O CONDE – Do amor, pérfida!  
 A CONDESSA [*Levanta e lhe apresenta a chave.*] – Prometa-me que deixará partir essa criança sem fazer-lhe mal algum; e que sua ira, depois, recairá toda sobre mim, já que não consigo convencê-lo...  
 O CONDE [*Tomando a chave.*] – Não escuto mais nada...  
 A CONDESSA [*Atira-se numa bergère, levando o lenço aos olhos.*] – Céus! Ele vai morrer!  
 O CONDE [*Abre a porta e recua.*] – É Susana!  
 CENA XVII  
 [A Condesa, o Conde e Susana.]  
 SUSANA [*Sai rindo.*] – Eu o mato! Eu o mato! Pois mate, agora, esse pajem atrevido!  
 O CONDE [*À parte.*] – Que vexame! [*Olhando a Condesa estupefata.*] E a senhora ainda finge espanto?... Mas talvez ela não esteja só. [*Entra no gabinete.*]  
 CENA XVIII  
 [A Condesa sentada e Susana.]  
 SUSANA [*Correndo até a patroa.*] – Controle-se, madame; ele já está longe; ele saltou...  
 A CONDESSA – Ah, Susana, eu estou morta!

## CENA XIX

[A Condessa, sentada, Susana, o Conde.]

O CONDE [Sai do gabinete com ar confuso. Após um curto silêncio.] – Não há mais ninguém, e, portanto, eu não tinha razão. Madame, representa muito bem.

SUSANA [Alegre.] – E eu?

A CONDESSA [Coloca o lenço na boca para se recompôr. Não diz nada.]

O CONDE [Aproximando-se.] – Mas com quê? Então a senhora estava se divertindo?

A CONDESSA [Se recompõdo.] – E por que não, meu senhor?

O CONDE – Uma brincadeira lamentável! E por que razão, por favor?

A CONDESSA – Será que suas loucuras merecem piedade?

O CONDE – Chamar de loucura o que concerne à honra?

A CONDESSA [Com um tom que se torna mais seguro aos poucos.] – Uni-me eu ao senhor para ficar eternamente entregue ao abandono e ao ciúme, que só o senhor consegue conciliar?

O CONDE – Senhora, eu lhe garanto que não é por cálculo.

SUSANA – Bastava que madame tivesse deixado o senhor chamar os criados.

O CONDE – Você tem razão, e sou eu quem tem de se humilhar... Perdão, estou numa tal confusão!...

SUSANA – Confesse, meu senhor, que o merece um pouco.

O CONDE – Então por que é que você não saiu quando eu chamei? Isso foi maldade!

SUSANA – Estava me vestindo o melhor que podia, com um punhado de alfinetes; e madame, que me proibia de fazê-lo, tinha razões para isso.

O CONDE – Em lugar de lembrar os meus erros, venha ajudar-me a aplacá-la.

A CONDESSA – Não senhor; um tal ultraje não se esquece. Vou retirar-me para o convento das Ursulinas, pois vejo que já é mais que tempo.

O CONDE – E poderia fazê-lo sem lamentá-lo ao menos um pouco?

SUSANA – Eu por mim garanto que o dia da partida seria a véspera das lágrimas.

A CONDESSA – Ora essa, quem sabe quando será, Susannah? Eu prefiro lamentá-lo um pouco do que ter a baixa de perdôá-lo. Ele me ofendeu demais.

O CONDE – Rosina!

A CONDESSA – Eu não sou mais Rosina a quem o senhor tanto fez para conquistar! Eu sou a pobre Condessa de Almaviva, a triste mulher abandonada a quem o senhor já não ama.

SUSANA – Madame!

O CONDE [Suplicante.] – Por piedade!

A CONDESSA – O senhor não tem nenhuma por mim?

O CONDE – Mas foi aquele bilhete... que me fez ferver o sangue!

A CONDESSA – Eu não dei permissão para que fosse escrito!

O CONDE – Mas a senhora sabia?

A CONDESSA – Foi aquele tonto do Fígaro...

O CONDE – Ele também está na história?

A CONDESSA – ...que o enviou a Basílio.

O CONDE – Que me disse tê-lo recebido de um camponês. Seu cantor de uma figa! Homem de duas caras! Pois você é quem vai pagar por todos!

A CONDESSA – O senhor pede para si um perdão que recusa aos outros! Os homens são sempre assim! Ah, se algum dia eu consentisse em perdôá-lo em consideração ao erro no qual aquele bilhete o fez cair, nesse caso eu exigiria que a anistia fosse geral!

O CONDE – Pois bem. De todo o coração, Condessa. Mas como reparar uma falta tão humilhante?

A CONDESSA [*Levantando-se.*] – Ela o foi para nós dois.

O CONDE – Ah, diga que o foi para mim! Mas o que eu não compreendo é como as mulheres conseguem tomar tão rápida e corretamente o ar e o tom das circunstâncias. A senhora corou, chorou, ficou com as feições desfeitas... Palavra de honra, ainda está assim.

A CONDESSA [*Forçando um sorriso.*] – Eu corava de ressentimento contra as suas suspeitas. Mas será que os homens têm bastante sensibilidade para distinguir a indignação de uma alma honesta ultrajada da confusão que nasce de uma acusação merecida?

O CONDE [*Sorrindo.*] – E o pajem em desalinho, de colete, quase nu?

A CONDESSA [*Mostrando Susana.*] – Está diante de seus olhos. O senhor não preferir ter encontrado a este do que ao outro? De modo geral, o senhor não tem ódio de encontrar este aqui.

O CONDE [*Rindo mais.*] – E aqueles rogos, aquelas lágrimas fingidas?...

A CONDESSA – O senhor me faz rir, e não tenho a menor vontade de fazê-lo.

O CONDE – Nós pensamos valer alguma coisa como polífticos, mas não passamos de crianças. É a senhora, a senhora, madame, que o rei deveria mandar para a embaixada em Londres! É preciso que seu sexo tenha feito um profundo estudo na arte da representação, para fazê-lo com tamanho sucesso.

A CONDESSA – São sempre os homens que nos forçam a fazê-lo.

SUSANA – Tratem-nos como prisioneiros sob palavra, e verão que somos gente honrada.

A CONDESSA – Paremos por aí, senhor Conde. É possível que eu tenha ido longe demais; porém, a minha indulgência, num caso tão grave, deve ao menos merecer a sua.

O CONDE – Desde que repita que me perdoou?

A CONDESSA – Susaninha, você por acaso me ouviu dizer que o perdôo?

O CONDE – Vá lá. Que a palavra lhe escape.

A CONDESSA – E o senhor o merece, depois de tanta ingratidão?

O CONDE – Sim, pelo meu arrependimento.

SUSANA – Suspeitar que havia um homem no gabinete de madame!

O CONDE – Ela me puniu com tanta severidade!

SUSANA – Não acreditar nela, quando disse que era sua maneira!

O CONDE – Rosina, não seja implacável!

A CONDESSA – Ah, Susaninha, como eu sou fraca! Que exemplo lhe dou eu! [*Tomando a mão do Conde.*] Ninguém mais acreditará na cólera das mulheres!

SUSANA – Ora, madame, com eles não é sempre preciso acabar cedendo?

[*O Conde beija ardentemente a mão de sua mulher.*]

## CENA XX

[*Susana, Figaro, a Condessa, o Conde.*]

FIGARO [*Chegando sem fôlego.*] – Disseram-me que madame estava passando mal. Vim correndo! Mas já estou vendo que não há nada...

O CONDE [*Seco.*] – Você é muito atencioso.

FIGARO – É do meu dever. Mas já que não é nada, senhor,

todos os rapazes e moças seus vassallos estão lá embaixo com os violões e as gaitas de fole, esperando para me acompanhar, assim que o senhor permitir que eu traga a minha noiva...

O CONDE – E quem velará pela Condessa no castelo?

FÍGARO – Velar? Mas ela não está doente.

O CONDE – Não; mas o tal homem ausente que deve procurar-la?

FÍGARO – Que homem ausente?

O CONDE – O homem do bilhete que você entregou a Basílio.

FÍGARO – Quem foi que disse isso?

O CONDE – Se eu já não soubesse por outras fontes, canalicula, a sua fisionomia o acusa e prova que você está mentindo.

FÍGARO – Nesse caso, não sou eu quem mente, é a minha fisionomia.

SUSANA – Desiste, Fígaro; não gasta sua eloquência por nada; nós já contamos tudo.

FÍGARO – Tudo o quê? Estão pensando que eu sou um Basílio qualquer?

SUSANA – Que você escreveu aquele bilhete para fazer crer ao Conde, quando ele voltasse, que o pequeno pajem estava no gabinete onde eu me meti.

O CONDE – O que é que você tem a dizer?

A CONDESSA – Não há mais nada a esconder, Fígaro; a brincadeira foi consumada.

FÍGARO [*Tentando adivinhar.*] – A brincadeira... foi consumada?

O CONDE – Sim, consumada. O que é que você tem a dizer?

FÍGARO – Eu? Eu digo... que gostaria de poder dizer o mesmo a respeito do meu casamento; e se o senhor der a ordem...

O CONDE – Você então confessa o bilhete?

FÍGARO – Se é isso que a patroa quer, que Susana quer, e que o senhor também quer, o melhor é eu concordar; mas aqui entre nós, se eu fosse o senhor, eu não acreditava numa só palavra do que lhe contam.

O CONDE – Mas nem diante de provas ele desiste de mentir! Eu acabo perdendo a paciência!

A CONDESSA [*Rindo.*] – Ora, o pobre coitado! Mas por que o senhor há de querer que desta vez ele diga a verdade?

FÍGARO [*Baixo, à Susana.*] – Eu o avisei do perigo que corre; é o mínimo que pode fazer um homem honesto.

SUSANA [*Baixo.*] – Você viu o pajenzinho?

FÍGARO [*Baixo.*] – Ainda todo amarratado.

SUSANA [*Baixo.*] – Ah, o coitadinho!

A CONDESSA – Vamos, senhor Conde, eles anseiam por se unir: sua impaciência é natural! Vamos entrar para a cerimônia.

O CONDE [*À parte.*] – E Marcelina? E Marcelina?... [*Alto.*]

Eu gostaria de estar... ao menos vestido.

A CONDESSA – Para a nossa gente? Eu por acaso estou?

## CENA XXI

[*Fígaro, Susana, a Condessa, o Conde, Antônio meio bêbado, segurando um vaso de flores estraçalhadas.*]

ANTÔNIO – Patrão! Patrão!

O CONDE – O que é, Antônio?

ANTÔNIO – É preciso mandar botar grades nas janelas que dão para os meus canteiros. Jogam tudo quanto é porcaria por elas; e ainda agorinha jogaram um homem.

O CONDE – Por essa janela?

ANTÔNIO – Olhe só o que fizeram com as minhas flores!



SUSANA [*Baixo a Fígaro.*] – Alerta, Fígaro, alerta!

FÍGARO – Patrão, desde a manhã que ele está bêbado.

ANTÔNIO – Tô nada. É só um restinho de ontem. Vejam só como as pessoas fazem acusações... tenebrosas.

O CONDE [*Afogueado.*] – Mas o homem! O homem! Onde está?

ANTÔNIO – Onde está?

O CONDE – É.

ANTÔNIO – É isso que eu estava dizendo. É preciso procurar. Eu sou seu empregado; eu é que sou responsável do seu jardim; aí cai um homem em cima, e o senhor compreende que minha reputação fica... desabrochada.

SUSANA [*A Fígaro.*] – Muda de assunto! Muda de assunto!

FÍGARO – Quando é que você vai parar de beber?

ANTÔNIO – Pois se eu não beber, eu ia ficar apoplético.

A CONDESSA – Mas beber assim, sem necessidade...

ANTÔNIO – Beber sem sede e fazer o amor a qualquer hora, madame; é isso o que supera os homens dos bichos.

O CONDE [*Vivamente.*] – Se não me responder, eu o mandarei embora.

ANTÔNIO – E o senhor acha que eu ia?

O CONDE – Como?

ANTÔNIO [*Tocando a cabeça.*] – Se o senhor não possui miolo suficiente para ficar com um bom empregado, eu é que não sou tão burro para despedir um patrão assim tão bom.

O CONDE [*Fervendo de cólera.*] – Você diz que jogaram um homem pela janela?

ANTÔNIO – Jogaram, minha excelência; agora mesmo, já faz pouco, de colete branco, e que fugiu correndo como o diabo da cruz...

O CONDE [*Impaciente.*] – E depois?

ANTÔNIO – Bem que eu quis correr atrás dele; mas dei um

tamanho trompaço com a mão na grade, que eu não consigo mexer nem pé nem mão desse dedo aqui. [*Levanta um dedo.*]

O CONDE – E você ao menos reconheceria o tal homem?

ANTÔNIO – É claro... se eu tivesse visto ele.

SUSANA [*Baixo, a Fígaro.*] – Ele não viu.

FÍGARO – Mas quanta reclamação por causa de um vaso de flores! O que é que você está querendo, seu chorão, com as suas flores? Não adianta ficar procurando, patrão; quem saltou fui eu.

O CONDE – Como? Era você?

ANTÔNIO – *O que é que você está querendo, seu chorão?*

Mas você cresceu um bocadinho depois, hein? Porque na hora você era menor e mais magrinho.

FÍGARO – Mas é claro; quando se salta, a gente se encolhe.

ANTÔNIO – Pois o que eu acho é que era... como é que se chama aquele pajem magricela?

O CONDE – Você quer dizer Querubino?

FÍGARO – Que voltou, só para isso, com seu cavalo, das portas de Sevilha, onde deve estar agora.

ANTÔNIO – Eu não disse isso, não disse nada disso; não vi cavalo nenhum saltar. Se tivesse visto eu contava também.

O CONDE – Deus me dê paciência!

FÍGARO – Eu estava na sala das aias, de colete branco: estava um calor terrível!... Estava esperando a minha Susaninha, quando de repente ouvi a voz do patrão fazendo a maior gritaria; não sei de que espécie de medo fui tomado, por causa daquele bilhete, e, já que é preciso confessar a minha asneira, saltei sem pensar sobre os canteiros, onde machuquei um pouco o pé direito. [*Esfrega o pé direito.*]

ANTÔNIO – Então se era você, é melhor eu te dar aquela porcaria de papel que caiu do seu bolso.

O CONDE [*Atira-se ao mesmo.*] – Dê-me isto aqui. [*Abre e fecha o papel.*]

FÍGARO [*À parte.*] – Estou frito.

O CONDE [*A Fígaro.*] – O susto não o fez esquecer o que está dito no papel ou o modo pelo qual ele foi parar no seu bolso fez?

FÍGARO [*Embaraçado, examina os bolsos e começa a tirar papéis deles.*] – Claro que não... Mas eu carregue tantos, que é preciso pensar em todos... [*Olha seus papéis.*] O que é isto? Ah! Uma carta de Marcelina, de quatro páginas, uma obra-prima!... Será que era o pedido daquele pobre caçador que está na prisão... Não, não está aqui... Eu estava com a relação do estado dos móveis do castelinho pequeno num outro bolso... [*O Conde torce a abrir o papel que tem nas mãos.*]

A CONDESSA [*Baixo, à Susana.*] – Meu Deus! Susaninha, é a patente de oficial!

SUSANA [*Baixo, a Fígaro.*] – Estamos perdidos, é a patente.

O CONDE [*Redobrando o papel.*] – Como é, seu espertalhão. Não adivinha?

ANTÔNIO [*Aproximando-se de Fígaro.*] – O patrão quer saber se você não adivinha.

FÍGARO [*Empurrando-o.*] – Ffff! Não fale perto do meu nariz!

O CONDE – Você não se lembra do que poderia ser?

FÍGARO – Aaaah! *povero!* Vai ver que é a patente daquele pobre menino, que ele me entregou, e eu esqueci de devolver. Mas que tonto que eu sou! Como é que ele vai se arranjar sem a patente! É preciso correr...

O CONDE – E por que razão haveria ele de dá-la a você?

FÍGARO [*Embaraçado.*] – Ele queria... que eu fizesse alguma coisa.

O CONDE [*Olhando.*] – Não falta nada.

A CONDESSA [*Baixo, à Susana.*] – O sinete.

SUSANA [*Baixo, a Fígaro.*] – Falta o sinete.

O CONDE [*A Fígaro.*] – Não responde?

FÍGARO – É que... na verdade não falta muita coisa. Mas ele diz que é hábito...

O CONDE – Hábito? Hábito de quê?

FÍGARO – Colocar o seu sinete com o brasão. Mas pode ser que não valha a pena...

O CONDE [*Abre o papel e treme de raiva.*] – Parece que está escrito que eu não saberei a verdade. [*À parte.*] É Fígaro quem está organizando tudo, e eu não consigo me livrar! [*Tenta sair com desprezo.*]

FÍGARO [*Interrompendo-o.*] – O senhor vai sair sem ordenar o meu casamento?

## CENA XXII

[*Basilio, Bartolo, Marcelina, Fígaro, o Conde, Girasol, a Condessa, Susana, Anônio, criados do Conde e seus vassallos.*]

MARCELINA – Não o ordene, senhor! Não se pode conceder favores antes de se fazer justiça. Ele assumiu um compromisso comigo.

O CONDE [*À parte.*] – Finalmente chega a minha vingança.

FÍGARO – Compromisso? De que natureza? Explique-se!

MARCELINA – Sim, já me explico, seu canalha!

[*A Condessa senta-se numa bergère. Susana está atrás dela.*]

A CONDESSA – De que se trata, Marcelina?

MARCELINA – De uma promessa de casamento.

FÍGARO – De uma promissória, só isso, por dinheiro emprestado.

MARCELINA [*Ao Conde.*] – Sob condição de me desposar.

O senhor é um grande senhor, o mais alto magistrado da província.

O CONDE – Apresentem-se ao tribunal; farei justiça a todos.

BASÍLIO [*Indicando Marcelina.*] – Nesse caso, Vossa Grandeza, permita que eu faça valer também meus direitos sobre Marcelina?

O CONDE [*À parte.*] – Só faltava o meu velhaco do bilhete.

FIGARO – Outro louco da mesma laia!

O CONDE [*Furioso. A Basílio.*] – Os seus direitos! O senhor tem é que me dar muitas explicações, senhor idiota!

ANTÔNIO [*Batendo com as mãos.*] – O primeiro golpe foi certo! Deu logo o nome do homem!

O CONDE – Marcelina, fica tudo suspenso até o exame de seus títulos, o que será feito publicamente na grande sala de audiências. Honesto Basílio! Agente fiel e certo! Vai à cidade buscar os membros do tribunal.

BASÍLIO – Por causa dela?

O CONDE – E me traga também o camponês do bilhete.

BASÍLIO – E eu o conheço por acaso?

O CONDE – Você hesita?

BASÍLIO – Eu não vim para o castelo para ser moço de recados.

O CONDE – Então para quê foi?

BASÍLIO – Grande organista da aldeia, ensino o cravo à madame, o canto às suas aias, o bandolim aos pajens; e minha função é, acima de tudo, a de divertir os seus convidados com a minha guitarra, quando assim lhe agrada.

GIRASSOL [*Avançando.*] – Eu vou, senhor, se isso lhe agrada.

O CONDE – Qual é seu nome e o seu ofício?

GIRASSOL – Eu sou Girassol, patrãozinho; sou o pastorzinho das cabras, que mandaram chamar para os fogos de artifício. Hoje a carneirada está em festa; e eu sei

onde encontrar todo o raio dos fazedores de processos do lugar.

O CONDE – O seu zelo me agrada; vai, mas você terá de acompanhar aqui o rapaz tocando guitarra e cantando para diverti-lo no caminho. Ele é meu convidado.

GIRASSOL [*Contente.*] – Ih! Eu? Eu sou?... [*Susana acalima-o com um gesto de mão, indicando-lhe a Condessa.*]

BASÍLIO [*Surpreso.*] – Eu tenho de acompanhar Girassol tocando?

O CONDE – É parte da sua função. Se não for, está despedido. [*Sai.*]

## CENA XXIII

[*Os atores precedentes, menos o Conde.*]

BASÍLIO [*Para si.*] – Eu é que não vou dar murro em ponta de faca, eu que não sou...

FIGARO – Mais do que um pote.

BASÍLIO [*À parte.*] – Em lugar de ajudar o casamento deles, vou garantir o meu com Marcelina. [*A Figaro.*] Não resolva nada antes de eu voltar. [*Vai pegar a guitarra sobre a poltrona ao fundo.*]

FIGARO [*Seguindo-o.*] – Resolver? Ora, pode ir descansado; mesmo que você não voltasse nunca mais... Você não está com ar de quem quer cantar. Quer que eu comece?... Então alegria! Bem alto! Lá-ri-lá, para minha noiva. [*Começa a marchar para trás e dança e canta a seguidilha que se segue; Basílio o acompanha, e todos cantam.*]

## Seguidilha

Melhor do que ter riqueza  
É ter sempre a esportezza

Da Susaninha, ninha, ninha, ninha

Com amor e gentileza

Ela traz sempre presa

A vida que era minha, minha, minha.

[O som se afasta; não se escuta o resto.]

## CENA XXIV

[*Susana e a Condessa.*]

A CONDESSA [*Em sua poltrona.*] – Ai, que bela cena que o seu tonto me arranjou com o seu bilhete!

SUSANA – Ah, se a senhora tivesse visto a sua cara quando eu saí de lá de dentro! De repente ficou branca, mas foi só um instante, e aos poucos a senhora foi ficando vermelha, vermelha, vermelha!

A CONDESSA – Quer dizer que ele saltou pela janela?

SUSANA – Sem hesitar; ele é uma graça! Rápido... como um rato.

A CONDESSA – Ai, esse jardineiro fatídico! Tudo isso me perturbou a tal ponto que não conseguia mais juntar duas idéias.

SUSANA – Ora, madame, ao contrário. Foi nessa hora que eu vi até que ponto o hábito de frequentar a sociedade dá segurança às senhoras distintas, para mentir sem parecer.

A CONDESSA – Você acha que o Conde acreditou? E se ele descobre aquele pobre menino no castelo!

SUSANA – Vou recomendar a ele que se esconda muito bem...

A CONDESSA – Ele precisa ir embora. Depois do que aconteceu, você há de compreender que não tenho a menor vontade de mandá-lo ao jardim em seu lugar...

SUSANA – E como eu com certeza é que não vou, lá se vai o meu casamento mais uma vez...

A CONDESSA [*Levantando.*] – Espere... E se em vez de outra pessoa, ou de você, fosse eu mesma?

SUSANA – A senhora, madame?

A CONDESSA – Assim ninguém se arriscava... E o Conde não poderia negar nada... punir os seus ciúmes, e ao mesmo tempo provar a sua infidelidade seria... Vámos: o sucesso do primeiro risco me encoraja ao segundo. Mandê dizer a ele imediatamente que você irá ao jardim. Mas acima de tudo é preciso que ninguém...

SUSANA – Ah! e o Figaro?

A CONDESSA – Não, não. Ele ia querer logo dar uma contribuição pessoal... Minha máscara de veludo e minha bengala; vou pensar um pouco no terraço. [*Susana entra no gabinete de toilette.*]

## CENA XXV

[*A Condessa só.*]

A CONDESSA – É bem ousado, o meu pequeno plano. [*Vira-se.*] Ah! a fita! Minha fita linda! Já estava esquecendo! [*Ela apanha a fita sobre a cadeira e a enrola.*] Não me deixaráis mais... e me lembraráis da cena na qual esse pobre menino... Ah! senhor Conde, o que o senhor fez?... E o que eu faço agora?

CENA XXVI

[A Condessa e Susana.

*A Condessa guarda furtivamente a fita no seio.]*

SUSANA – Aqui estão sua bengala e sua máscara.

A CONDESSA – Lembre-se de que eu a profbo de dizer uma só palavra a Figaro.

SUSANA [*Com alegria.*] – Madame, seu plano é encantador! Eu estava pensando nele! Ele liga tudo, termina tudo, engloba tudo e, aconteça o que acontecer, agora o meu casamento é certo. [*Ela beija a mão da patroa e saem as duas.*]

---

ENTREATO

*Durante o entreato os criados arrumam a sala de audiências. Trazem dois bancos de costas para os advogados, que são colocados a cada lado do palco, de modo que haja uma passagem livre por trás. Colocam um estrado com dois degraus no meio da cena, ao fundo, na qual é colocada a poltrona do Conde. Coloca-se a mesa do escrivão e o seu tamborete a um lado à frente, e cadeiras para Rico-Pato e os outros juizes, de cada lado do estrado do Conde.*